

Quem tem boca vai a Roma

Cenatexto

Um indivíduo que parece desorientado e não consegue encontrar o prédio que procura, aproxima-se de outro com um papel na mão:

- Por favor, poderia me informar onde fica o prédio desta repartição pública?
- É fácil. Siga por esta larga avenida e entre na rua mais linda que você encontrar. Na porta de uma fábrica de sonhos, você vai achar um sujeito muito inteligente fazendo um discurso sobre as maravilhas das repartições públicas. Quando esse sujeito se desintegrar, feche os olhos. Ao abri-los, você estará diante do prédio que procura.



Com essa informação, que é imprecisa, será muito difícil para o rapaz achar o endereço procurado. Para começar, a informação não pode ser seguida, porque não é clara. Também não é possível saber se ela é verdadeira. Ela não fornece um “mapa” do verdadeiro caminho a ser seguido. Ela está cheia de opiniões sobre as coisas que ele está descrevendo. Em suma, ela não serve para nada.

Vejamos se na segunda tentativa nosso personagem, que parece impaciente, consegue a informação que deseja:

- Por favor, você poderia me informar onde fica o prédio desta repartição pública?
- É fácil. Siga por esta avenida e entre na terceira rua à esquerda. Após o prédio dos correios, ande mais uns cinqüenta metros, olhando sempre à direita, até encontrar um prédio de mármore branco. Aí está a repartição que procura.

1. Que você entende pela expressão **Quem tem boca vai a Roma**?
2. Considerando o tipo de informação que estamos acostumados a ouvir no dia-a-dia, como você classificaria a resposta de uma pessoa que lhe desse a primeira informação que aparece na Cenatexto?
3. Qual é a diferença fundamental entre as duas informações da Cenatexto?
4. Mesmo sem estar presente na Cenatexto, você seria capaz de desenhar aqui o “mapa” feito com palavras da segunda informação?
5. Por que é que nós confiamos nos comunicados que as pessoas dirigem a nós?

Repare neste trecho:

“.. siga por esta **larga** avenida...”

Observe que a palavra destacada modifica a outra palavra que lhe segue. Como você sabe, a primeira é um *adjetivo* (*larga*), que modifica o *substantivo* (*avenida*). Podemos transformar esse adjetivo numa *oração*, modificando um pouco a frase original. Veja:

“... siga por esta *avenida que é larga* ...”

Agora, ao invés do *adjetivo* **larga**, temos uma *oração adjetiva*, **que é larga**, modificando o *substantivo* avenida. É assim que se formam as **orações adjetivas**.

1. Seguindo a explicação acima, transforme os adjetivos destacados nos trechos seguintes em *orações adjetivas*:

a) (...) ela não fornece um “mapa” do **verdadeiro** caminho.

.....
b) (...) pedimos informações a pessoas **estranhas**.

.....
c) (...) porque são obrigadas a isso pelas situações da vida **diária**.

2. Nós podemos também fazer o contrário: transformar *orações adjetivas* em simples *adjetivos*. Veja:

“Um indivíduo **que parece desorientado** aproxima-se de outro.”

“Um indivíduo **desorientado** aproxima-se de outro.”

Agora é sua vez. Siga o modelo acima.

a) Com essa informação, **que é imprecisa**, será muito difícil (...).

.....
b) Vejamos se na segunda tentativa nosso personagem, **que parece impaciente**, consegue a informação (...).

.....
c) É, agora o personagem deve achar o lugar **que procura**.

As orações adjetivas são, assim, orações *subordinadas* a um substantivo, modificado por elas, e geralmente são introduzidas pelos pronomes relativos.

Arte e vida

Na Cenetexto de hoje, falamos sobre a linguagem das informações, e destacamos algumas de suas características, como a verdade, a clareza e a confiabilidade. Esse tipo de linguagem tem uma função utilitária; nós não a utilizamos porque sentimos prazer em usá-la: nós a utilizamos porque precisamos dela para alguma finalidade da vida diária.

Você deve se lembrar que já estudou aqui o que é linguagem *denotativa* e *conotativa*, lembra-se? Pois bem, se a linguagem das informações fosse *conotativa*, ela poderia nos conduzir a erros, a dívidas, a confusões. No caso das informações, é importante que todos entendam *a mesma coisa* quando ouvem palavras como *avenida, terceira rua, esquerda, direita etc.*, porque senão ia ser uma confusão dos diabos. Isso significa que esse tipo de linguagem, para ser útil, tem que ser *denotativa*, isto é, tem que ser precisa, lógica, clara, objetiva.

Bem, como é que fica a literatura nesse contexto? Você já aprendeu que a linguagem literária tende a ser muito mais *conotativa* do que *denotativa* para sugerir, surpreender, revelar novas formas de se ver o mundo.

Neste curso, nós já apresentamos e comentamos vários tipos de textos literários. Quando comparamos, por exemplo, um poema de Vinícius de Moraes, um romance como *Mad Maria*, de Márcio Souza, e uma peça de teatro como *Gota D'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, encontramos dificuldades para descobrir elementos comuns entre essas obras, tantas são as diferenças entre elas. Sabemos, entretanto, que todas elas são obras literárias. Por que, então, elas são tão diferentes? A resposta a essa pergunta nos remete ao conceito de *gêneros literários*.

Leia o seguinte trecho de um *poema* de Mário de Andrade:



(...)
*Tu me adivinhas, meu amor,
Porém não queres ser escrava!*



*Flores!
Apaixonadamente meus braços desgallham-se,
Flores!*

Fonte: Mário de Andrade. *Poesias completas*. Círculo do Livro. pág. 223.

Observe que no trecho acima não há preocupação em se contar uma história, dar uma informação ou mostrar algum diálogo. O que predomina no texto é a revelação de um sentimento.

A pessoa que faz essa declaração de amor é um **eu lírico** que manifesta sua emoção ao falar sobre o objeto de seu amor. “*Tu me adivinhas, meu amor*” indica que a amada sabe das intenções do **eu lírico**, mas não deseja ser escrava, ou seja, não quer se prender a um sentimento. “*Flores!*” Serão elas o desabrochar do amor? De um belo sentimento? Tudo o que o **eu lírico** faz é com muita paixão, até o “*desgallar*” dos braços.

O poema de Mário de Andrade é um representante do *gênero lírico*: predomina a primeira pessoa (**eu lírico**), há uma atmosfera de emoções, de sentimentos transformando o mundo exterior, particularmente a natureza, conforme sua visão de mundo.

Leia, agora, o poema todo, e procure ver essas características, e outras mais:

Poemas da Negra

V

*Lá longe no sul,
Lá nos pés da Argentina,
Marulham temíveis os mares gelados,
Não posso fazer mesmo um gesto!
Tu me adivinhas, meu amor,
Porém não queres ser escrava!*

*Flores!
Apaixonadamente meus braços desgalmam-se,
Flores!
Flores amarelas do pau-d'arco secular!
Eu me desgarmo sobre teu corpo manso,
As flores estão caindo sobre teu corpo manso,
Te cobrirei de flores amarelas!*

*Apaixonadamente
Eu me defenderei!*



Agora que você apreciou o poema de Mário de Andrade, vamos a algumas informações sobre o autor e sua obra:

Mário Raul de Moraes Andrade, conhecido como **Mário de Andrade**, escritor e musicólogo brasileiro, um dos grandes autores do Modernismo brasileiro, nasceu em São Paulo em 1893 e ali morreu em 1945. Entre suas obras mais importantes estão as seguintes: *Paulicéia desvairada*, poesias (1922); *Losango cáqui*, poesia (1926); *Primeiro andar*, contos (1926); *Clã do jabuti*, poesia (1927); *Amar, verbo intransitivo*, romance (1927); *Macunaíma*, romance (1928).



Reflexão

Nesta aula, aproveitamos a necessidade de usarmos a linguagem informativa, ou referencial no nosso dia-a-dia, para fazer um confronto com a linguagem estética, ou literária. Uma é útil, a outra é prazerosa, tem finalidade estética. No trecho abaixo, o escritor Rubem Alves discute a questão do útil e do prazeroso. Veja:

Brinquedo não serve para nada. (...) O brinquedo é uma atividade inútil. E, no entanto, o corpo quer voltar a ele. Por quê? Por que o brinquedo, sem produzir qualquer utilidade, produz alegria. Felicidade é brincar. E sabem por quê? Porque no brinquedo nos encontramos com aquilo que amamos. No brinquedo o corpo faz amor com objetos de seu desejo. Pode ser qualquer coisa: ler um poema, escutar uma música, cozinhar, jogar xadrez, cultivar uma flor, conversar fiado, tocar flauta, empinar papagaio, nadar, ficar de barriga para o ar olhando as nuvens que navegam, acariciar o corpo da pessoa amada – coisas que não levam a nada. Amar é brincar. Não leva a nada. Porque não é para levar a nada. Quem brinca já chegou. Coisas que levam a outras, úteis, indicam que ainda estamos a caminho: ainda não abraçamos o objeto amado. Mas no brinquedo temos uma amostra do Paraíso.

Fonte: Rubem Alves. *Tudo o que é pesado flutua no ar*. Ed. Ouro Preto. 1994. pág. 78

Você viu como o autor contrapõe o útil ao prazeroso? Agora, pense sobre a vida que levamos. Que tipo de prazer gozamos na vida? Será que nossa vida é só o trabalho, ou há mais coisas? O autor finaliza o parágrafo acima com a seguinte frase: “A única finalidade do saber adulto é permitir que a criança que mora em nós continue a brincar”. Será que nós soltamos realmente a criança que há em nós? Discuta com sua família, com seus colegas, suas colegas.

